



## GT 014. Antropologia das Emoções

Maria Claudia Pereira Coelho (ICS/UERJ) -  
 Coordenador/a, Ceres Victora (UFRGS) -  
 Coordenador/a, Eduardo Moura Pereira Oliveira  
 (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) -  
 Debatedor/a, Raphael Bispo dos Santos (UFJF) -  
 Debatedor/a, Lara Beleli (Núcleo de estudos de  
 Gênero - Pagu/UNICAMP) - Debatedor/a

A antropologia das emoções vem se consolidando como área autônoma no Brasil há cerca de vinte anos. Ao longo desse percurso, podemos identificar um conjunto de temáticas agrupadas em torno de dois eixos principais: as temáticas ligadas a áreas da vida associadas à dimensão privada e as temáticas vinculadas ao mundo público. Para as primeiras, podemos arrolar problemas de pesquisa ligados ao corpo, à sexualidade ou a saúde/doença; para as segundas, listamos os movimentos sociais, a violência ou os universos profissionais/institucionais. Esse Grupo de Trabalho tem como proposta avançar na superação dessa dicotomia, incluindo em seus focos de interesse, ao lado do elenco já canônico de temáticas passíveis de abordagem pela antropologia das emoções, novos problemas concebidos sob a égide da reflexão sobre essa dicotomia. As principais temáticas a serem contempladas são: a) emoções e instituições/práticas estatais; b) emoções e políticas públicas; c) emoções, moral e formas do cuidado; d) emoções, violência e vitimização; e) emoções e movimentos sociais; f) emoções e discursos/práticas profissionais; g) corpo, sensorialidade e emoções; h) emoções, gênero e sexualidade; i) emoções e experiências de saúde/doença.

### **Concertando o amor: considerações acerca do comprometimento na família e na medicina do autismo.**

**Autoria:** Leonardo Carbonieri Campoy

Entre 2013 e 2015, uma vez por semana, acompanhei uma neuropediatra atendendo crianças autistas e suas famílias em um projeto voluntário, que ela própria implantou, abrigado em um centro universitário da mesma especialidade, em uma grande cidade brasileira. Participei de todas as etapas do seu serviço, dedicando especial atenção ao processo de confirmação do diagnóstico de autismo e às orientações de cuidado que a doutora oferecia às famílias, sobretudo aos pais. Na apresentação, proponho explorar etnograficamente uma noção que se mostrou central no campo, a de comprometimento. Tanto para a doutora quanto para as famílias, o desenvolvimento da criança autista depende de um comprometimento dos adultos que também é expresso pela palavra amor. Procuro analisar como se pode entender antropologicamente o que significa, tanto para a medicina quanto para as famílias do autismo, comprometer-se com uma criança diagnosticada. Concluo a análise sugerindo que pode-se interpretar esse comprometimento como uma forma de conserto do amor quebrado com o diagnóstico de autismo. Esse conserto, contudo, deve ser realizado, de acordo com os interlocutores do campo, com alegria. Para dar conta desse conserto com alegria, empresto o neologismo do título de uma peça de teatro idealizada e encenada por Matheus Nachtergaele: concertando o amor é como interpreto o comprometimento para o desenvolvimento das famílias de crianças autistas.

[Trabalho completo](#)



**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

